

QUALQUER COISA QUE SIGNIFIQUE: O PROTAGONISMO DA LINGUAGEM NO ROMANCE *ECOLOGIA*, DE JOANA BÉRTHOLO

André Carneiro RAMOS*

- **RESUMO:** O presente trabalho propõe uma leitura do romance *Ecologia*, de Joana Bértholo, explorando a criativa utilização de experimentações intersemióticas das mais diversas – QR codes, emojis, obras de arte, fotografias, simulações operacionais de computador, etc. –, que na instância narrativa em questão parecem querer atribuir à linguagem um tom de substancial protagonismo, com vistas à construção de uma reflexiva distopia. Para tanto, discutiremos essas e outras temáticas à luz de Byung-Chul Han (2015), Giovana Madalosso (2022), Italo Calvino (1990) e Michel Foucault (1996), examinando o caráter visionário dessa jovem autora, que problematizou em seu livro, dentre outros tópicos, o avanço de uma torpe atmosfera antidemocrática na atualidade, bem como o perigo do “antropoceno”, conceito metaforizado na trama por intermédio da “lógica dos ecos”, a evidenciar um crescente e hegemônico poder das megacorporações, com seus destrutivos impactos gerados/ampliados pelas mídias sociais e as Fake News, por exemplo. Na contracorrente disso tudo, a literatura ainda resistiria como um dos últimos territórios em que a cognição e a liberdade producentemente se resguardariam.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Joana Bértholo Romance português contemporâneo. Geração dos novíssimos. Intersemiótica. Antropoceno.

[...] Será da própria condição das coisas serem silenciosas agora?
Carlos de Oliveira (2003, p. 113).

Introdução

No contexto atual, eventos como o da ABRAPLIP são fundamentais para a valorização e manutenção da literatura em suas variadas formas. Ao reunir escritores, pesquisadores, professores e entusiastas do livro e da leitura, tal encontro acabaria por fomentar um espaço crucial para o debate e a análise crítica de significativas

* UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais – Departamento de Letras e Linguística. Passos – MG – Brasil. 37900-106 – andre.carneiro@uemg.br.

obras em língua portuguesa do ontem e sobretudo do hoje, insistindo em refletir e refratar¹ as mutações de nossa contemporaneidade.

Disso decorre, no âmbito dos romances portugueses produzidos a partir dos anos 2000, a investigação da professora doutora Gabriela Silva (FURG), reconhecidamente a primeira a nominar essa geração de novíssimos, interligados que estão a uma espécie de premissa rizomática deleuziana, ou seja, estaríamos diante de um agrupamento descentralizado de escritores e escritoras, alicerçado por grupos mantenedores de variados matizes, cada qual à procura por uma identidade, todavia fiéis à ideia de se lançarem para além das seculares fronteiras lusitanas, almejando, dentre outros elementos, uma compreensão do próprio país a partir de auspiciosas propostas e experiências.

Nesse ínterim, o presente artigo propõe uma (re)leitura do romance *Ecologia*, de Joana Bértholo, explorando a criativa utilização de experimentações intersemióticas das mais diversas – *QR codes*, emojis, obras de arte, fotografias, simulações operacionais de computador, etc. –, que na instância narrativa em questão parecem querer atribuir à linguagem um tom de substancial protagonismo, com vistas à construção de uma reflexiva distopia. Para tanto, discutiremos essas e outras temáticas à luz de Byung-Chul Han (2015), Giovana Madalosso (2022), Italo Calvino (1990) e Michel Foucault (1996), examinando o caráter visionário dessa novíssima autora, que problematizou em seu livro, dentre outros tópicos, o avanço de uma torpe atmosfera antidemocrática na atualidade, bem como o perigo do antropoceno, conceito metaforizado na trama por intermédio da lógica dos ecos, a evidenciar um crescente e hegemônico poder das megacorporações, com seus destrutivos impactos gerados/ampliados pelas mídias sociais e as *Fake News*, por exemplo. Na contracorrente disso tudo, a literatura ainda resistiria como um dos últimos territórios em que a cognição e a liberdade producentemente se resguardariam.

Vale registrar que a metodologia adotada para este estudo contemplou a pesquisa bibliográfica qualitativa. Tal abordagem se concentrou na análise interpretativa de textos e documentos, buscando se compreender e interpretar, de maneira sistemática e produtora, as variadas nuances (especialmente filosóficas) presentes no material analisado.

Assim, o que nos chamou a atenção no romance de Bértholo, além da inventividade signífica mencionada, foi a atualidade de sua temática, a propor indagações sobre o mundo naquilo que em pleno 2023 acontece, em seus reveses climáticos e inconcebíveis guerras (Ucrânia e Faixa de Gaza, por exemplo), compondo um

¹ Conceitos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, em que basicamente *refletir* é o entendimento inicial da informação que determinado signo contém, ao passo que *refratar* busca uma espécie de instauração crítica para esse mesmo signo, corroborando com um novo sentido talvez (2021, p. 320).

mosaico de situações que culminariam com a impensável comercialização da linguagem, território último da liberdade humana, que no enredo do livro também passaria a ser autoritariamente controlada.

Por conseguinte, o nosso principal problema de pesquisa partiu também da própria linguagem empregada no romance, mesclada ao dilema narrativo proposto, vinculado à opressão; ao evidenciar inúmeros recursos imagéticos, portadores de inusitados simbolismos, tais artifícios transcendem o papel costumeiro das narrativas para se tornarem elementos constituintes e potencializadores de outros significados, fomentando ainda mais a reflexão aos leitores.

Num cenário atual, com a literatura se encontrando em contínua transformação, driblando mesmo alguns dos pseudos-encantos da **sociedade do espetáculo**, torna-se imperativo o reconhecimento de obras que possam lançar um divergente olhar por sobre as convenções de sempre. Este nosso breve estudo, portanto, se justifica pela necessidade de se compreender o modo como certas técnicas literárias modernas podem e devem ser empregadas no sentido de se aprofundar o engajamento daquele que lê em relação às questões sociais e culturais de seu tempo, endossando o debate acerca das possíveis mutações do romance contemporâneo e seus adensamentos; assim, uma análise um pouco mais detalhada de *Ecologia*, na perspectiva de sua própria linguagem como protagonista, oferecerá, de acordo com o que esperamos, *insights* valiosos sobre algumas das questões relacionadas à literatura produzida em língua portuguesa, nas primeiras décadas do século XXI.

Fundamentação teórica

A seguir, faremos uma pontual explanação dos principais conceitos adotados em nossa análise. Sequencialmente, como já anunciado, mencionaremos Byung-Chul Han (2015), Giovana Madalosso (2022), Italo Calvino (1990) e Michel Foucault (1996).

[...] e todos contra o glúten²

No romance *Ecologia*, logo no início, já se percebe toda a investida da autora em construir uma espécie de cenário de crise que segue se adensando. Verifica-se que o mundo se encontra em uma situação paradigmática, no sentido de que existe uma nova ordem que subliminarmente comanda as ações das pessoas ditas comuns, muito no que se refere à supremacia de um massivo controle midiático, envolvendo especialmente a internet e seus mecanismos. A impressão que temos é a de que Joana Bértholo lançou mão de inúmeros dilemas de nossa contemporaneidade com

² Os subtítulos deste artigo, com exceção do 2.2, foram extraídos dos títulos dos capítulos do próprio romance em análise.

o intuito de germinar, nas pequenas narrativas que formam o todo de sua história, elementos surreais de uma realidade atual cada vez mais distópica³. A impressão que temos é a de que, no romance, quando os discursos da mídia são mencionados, fala-se demais, todavia sem substância. Num determinado momento, tomamos contato com este impactante parágrafo:

Nunca como neste momento houve acesso a tanta informação, mas também nunca houve esta sensação de não ser capaz de a ler, de a interpretar, de a relacionar com um sistema maior. Um mundo cheio de frentes, crescentemente polarizado, e tantas cabeças que até Perseu ficaria sem saber qual enfrentar primeiro. A realidade tornou-se como um desses romances pós-modernos em crescente entropia, pesado em referênciação, sem personagens coerentes, sem fio condutor, e sempre tentando engolir as suas próprias margens. Antes, ainda era o Leste contra o Ocidente, a Esquerda contra a Direita, ou o Sul contra o Norte. Agora é o meridiano contra o paralelo, o degelo contra o aquecimento, o home contra a natureza, o geneticamente modificado contra o bio, os analógicos contra os informatizados, os retro contra os *forward*, a bicicleta contra o carro, o livro contra o *e-book* [...], o Netflix contra os *torrents*, o *emoticon* contra o telefonema, [...] os Orwellianos contra os Huxleyanos, e todos contra o glúten (2022, p. 90-91).

Todas essas dicotomias nos faz pensar na obra *Sociedade do Cansaço* (2015), do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que ao tratar da contemporaneidade aborda os efeitos nocivos de todo um excesso de positividade e produtividade que parece agora nortear as relações humanas. O desempenho, nesse caso, é sempre colocado em primeiro plano, gerando-nos uma constante pressão para sermos ao mesmo tempo felizes e campeões em tudo⁴. Na realidade, em meio a todo esse desvario programado, as pessoas se veriam sobrecarregadas tanto física quanto emocionalmente.

Han sugere que essa exaustão não é apenas resultado de um trabalho árduo, mas também do modo como a sociedade se organiza e nos impulsiona a buscar uma **ativa** autorrealização individual pelo **desempenho**; nesta sociedade que ajudamos a construir, somos levados a crer numa liberdade supostamente conquistada com e pelo trabalho; entretanto, estaríamos presos numa lógica de auto exploração: seríamos, logo, os nossos próprios opressores...

³ A autora recusa, numa entrevista, essa classificação; explicaremos adiante o porquê desse posicionamento.

⁴ Em contraposição a isso, inequivocamente nos lembramos do Poema em linha reta, de Álvaro de Campos.

Nesse ínterim, a tecnologia e a cultura digital engrossariam ainda mais as fileiras dessa **sociedade coercitiva** (Han, 2017, p. 47). O ensaísta também argumenta que uma conexão quase ininterrupta com as Redes Sociais, associada à procura por aceitação nelas geradas, acabariam por levar a humanidade a um significativo aumento da ansiedade, consequentemente ocasionando um adoecimento existencial dos envolvidos:

[...] a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um *excesso* de positividade. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma (Idem, p. 70-71).

Em outra perspectiva, o romance de Joana Bértholo sinalizaria nas entrelinhas do discurso outras demandas, muito pela noção da lógica dos ecos sugerida pelo seu título, *Ecologia*, despertando, desse modo, a nossa atenção para uma urgente responsabilidade que devemos a todo momento nutrir para com o nosso planeta. O conceito do antropoceno, por exemplo, entraria em cena denunciando nossa falta de compreensão e cuidado para com as significativas mudanças climáticas⁵ que hoje vivenciamos, ocasionadas pela nossa desenfreada ampliação do consumo, capitaneada em grande parte pelos avanços tecnológicos das últimas décadas. Sobre isso, a escritora Giovana Mandalosso nos adverte:

Vem desse distanciamento a ideia de que somos parte descolada da natureza, de que sempre conseguiremos resolver nossos apuros. E assim deixamos de enxergar o que urge: para segurar o aumento de temperatura em 2 °C, é preciso cortar pela metade todas as emissões de carbono do planeta até 2030 (*apud* Secches, 2022, p. 19).

Toda essa noção antropocênica adensaria mais ainda as linhas de *Ecologia*, contribuindo para que o leitor repare em temas correlatos às principais vertentes da narrativa, levando-o para além dos lugares comuns; desde o início o convencional cedeu lugar ao inusitado, com a escrita de Bértholo surpreendendo em seus aspectos

⁵ O aumento das emissões de gases, agravando o chamado efeito estufa, tem levado a significativas transformações climáticas em nosso planeta, como no aumento da temperatura média global, bem como o derretimento das calotas polares. Tais mudanças gerarão gravíssimas consequências, sendo que já estamos a sentir esses efeitos, como a exacerbação dos padrões de temperatura em quase todo o Brasil no último trimestre de 2023.

formais, todavia, indo além disso, ao evidenciar em sua narrativa elementos de um provável cotidiano nosso, que suplantariam a própria ideia de ficção:

Um país da União Europeia compra no Mercado de emissões de carbono quotas que legalizam o direito a poluir. São treze euros pelo direito de lançar uma tonelada métrica de dióxido de carbono na atmosfera. No final da reunião, alguém pergunta:

- Apagaste a luz? (Bértholo, 2022, p. 43).

Como se vê, o tema da linguagem, sob vários aspectos perpassa o romance como um todo, fazendo-nos pensar na escatologia que é a taxação de palavras, cujo objetivo maior continua sendo o cerceamento da reflexão crítica, tornando mais difícil o questionamento de políticas governamentais e empresariais que acentuam os descalabros ambientais, por exemplo.

[...] relâmpagos punctiformes e descontínuos

Em outro aspecto, dialogando com as formas contemporâneas da narrativa, o romance de Bértholo igualmente abriria espaço para as considerações de Italo Calvino, presentes em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas* (1988), em que o ensaísta tratou das abordagens leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, não tendo tempo de desenvolver a última – consistência –, por conta de sua morte em 1985.

A partir dessas perspectivas, todas contundentes e, por isso mesmo, sinalizadoras de uma certa **virada de chave** para o romance contemporâneo⁶, é que podemos correlacionar, de modo mais proeminente, o elemento multiplicidade à prosa de Joana Bértholo, que, por assim dizer, tornar-se-ia especial também pelo seguinte quesito: múltiplas são as originais intervenções da escritora ao longo do processo de construção do seu texto, ao se utilizar de inusitados signos⁷ (muitos deles, subutilizados pela mídia) e de forma produtora, objetivando com isso ampliar reflexões a partir de sua exegese.

⁶ Embora Italo Calvino não tenha tido a oportunidade de apresentar essas conferências em sua totalidade, *Seis Propostas para o Próximo Milênio* oferece uma visão fascinante sobre os valores literários que ele considerava fundamentais para a literatura do futuro. Essas propostas continuam a influenciar escritores e leitores até os dias de hoje, inspirando uma abordagem mais leve, rápida, precisa, visível, múltipla e consistente na arte da escrita.

⁷ Isso nos faz pensar na própria ideia de multiplicidade de vozes na literatura, para além dos personagens e agregando as mensagens que cada signo contém e estimula em termos de reflexão crítica; ao nos apresentar inesperadas incursões em sua narrativa, Joana Bértholo segue tocando em temas sociais, políticos e culturais, encorajando leitores a questionarem até mesmo as próprias ideologias.

A multiplicidade, nesse sentido, abre-se à pluralidade de perspectivas na literatura, com Calvino acreditando que uma escrita vindoura deveria explorar, no milênio que se avizinhava, um número ampliado de vozes, pontos de vista e possibilidades narrativas indo mesmo na contramão de toda e qualquer padronização. Sobre isso, o ensaísta reiterou:

Há o texto múltiplice, que substitui a unicidade de um eu pensante pela multiplicidade de sujeitos, vozes, olhares sobre o mundo, segundo aquele modelo que Mikhail Bakhtin chamou de “dialógico”, “polifônico” ou “carnavalesco”, rastreando seus antecedentes desde Platão a Rabelais e Dostoiévski (1990, p. 98).

Desse modo, em consonância com esses valiosos pressupostos, a mirada de Calvino prossegue contemplando e instigando uma aliança ainda mais acentuada entre literatura e filosofia, com a ficção emulando, de modo mais produtor e acessível, as “[...] formas de um pensamento não sistemático, que procede por aforismos, por relâmpagos punctiformes e descontínuos [...]” (idem). No que detalharemos no próximo capítulo, Joana Bértholo assimilou, com efusiva criatividade, tais ensinamentos.

Por fim, temos a perspectiva de Michel Foucault acerca da linguagem, mais precisamente no que se refere às noções de poder. Ocorre que no romance em questão, o impacto gerado pelo controle exercido pela megacorporação dirigida por Darla Walsh – personagem-alegoria da própria ideia exacerbada de neoliberalismo, em seu *modus operandi* execrador de sonhos – sob uma falsa alegação de liberdade –, o que por si só nos sinalizaria o terror de um futuro ainda mais excludente; na verdade, somos assim levados a pensar que não existirá de fato um amanhã nos moldes daquele que se imaginava nas décadas de 1970-80, por exemplo, com o progresso atingindo um ápice tecnológico redentor. Em oposição a isso, o cerceamento da linguagem humana em *Ecologia* evidencia um novo e definitivo degrau para a humanidade, imaginando-a muito mais próxima da extinção:

Em menos de meia hora as novas imagens serão domínio público, tradição colectiva, artefacto histórico. Irão proliferar pelos diferentes meios de imprensa em parágrafos justapostos a um derrame de petróleo na costa norueguesa, um apedrejamento de uma mulher violada na Índia, à subida das taxas moderadoras, a uma nova técnica indolor de tatuagem, a um novo fôlego da extrema-direita em França, Pablo Neruda afinal não morreu de cancro, [...] oito mortos em tragédia num estádio no Senegal, Novembro é o mês mais quente dos últimos trinta e sete anos, [...] NASA mostra como vai salvar a Terra de um asteróide apocalíptico, sobe o número de mortos vítimas de tráfico humano encontrados num camião,

[...] Elon Musk quer privatizar a mente humana, [...] e quem destrincha as prioridades? (Bértholo, 2022, p. 130-131).

Por fim, adensando toda essa problemática com a palavra, logo na introdução de seu livro *A ordem do discurso* (1971), Michel Foucault indaga ao leitor atento: “[...] Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (1996, p. 7).

Como se percebe, de acordo com o filósofo francês o poder se manifestaria eminentemente através da linguagem – em especial nos discursos –, contendo **perigosas** e producentes nuances⁸. Em consonância a isso, Foucault defende a ideia de que o poder não estaria vinculado à indivíduos ou instituições apenas, porém se fortaleceria mesmo a partir de uma complexa rede, a fundamentar todas as relações sociais; nesse sentido, o poder se manifestaria nos discursos a partir de uma significativa equação, que o filósofo enumera como **dispositivos de poder-saber**⁹. Vale afirmar que tais expedientes não imporiam restrições apenas à forma como falamos e pensamos, mas, insidiosamente para muitos, produziriam conhecimento também, criando e recriando perturbadoras **verdades**¹⁰: eis aí o *gérmen* do controle da linguagem que vemos no romance de Joana Bértholo¹¹, com os **poderosos** do livro procurando reduzir esse último escopo, obviamente numa tentativa inescrupulosa de se firmar silenciamentos, dominando mentes.

Resultados e discussão

Nessa atmosfera estranhamente reconhecível, o romance *Ecologia*, de Joana Bértholo, evidencia sobremaneira o modo como a literatura se insurge hoje mais viva do que nunca, transcendendo noções narratológicas consagradas, potencializando temas cruciais do nosso tempo.

Como reafirmação de nossos propósitos: este artigo, portanto, explora o papel central da linguagem no mencionado romance, demonstrando como a autora se utilizou de inusitados elementos intersemióticos em sua narrativa não apenas com o

⁸ “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprio olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si” (Foucault, 1996, p. 49).

⁹ Sobre o tema: *Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade* (2014), citado em nossas referências.

¹⁰ Segundo Foucault, o poder também se manifestaria dessa maneira, pois certos discursos são privilegiados e chancelados, enquanto outros acabariam negados e, conseqüentemente, silenciados. Quem demanda poder decide quais deles serão considerados legítimos ou não (idem, p. 14-19).

¹¹ O autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (ibidem, p. 28).

intuito de se contar mais uma história, mas, sobretudo, examinar e problematizar a maneira como estaríamos a exaurir o pouco que nos resta da natureza, por exemplo, sendo que a conta por tais desmandos já estaria batendo à nossa porta.

Curiosamente, isso até pode soar para muitos como um exagero, ou algo desimportante. E como um sinal destes nossos tempos, a literatura perambula por aí, em certa medida, obliterada por outros veículos, enfrentando a disseminação de uma ampla concorrência imagética, agravada pelo fenômeno incontornável das mídias sociais, com seus instantâneos e persuasivos *reels*, bem como as plataformas de *streaming*, com o seu contínuo, seriado e sedutor oferecimento das novidades que as caracterizam.

Pois bem: o fato é que mesmo em meio a isso tudo, respirando por aparelhos quase, os livros continuariam a realizar – em tons de sistemática resiliência, diga-se – o prodígio que tão bem os caracterizou ao longo das eras, o que, nas palavras de Maurice Blanchot, reverbera sempre, em tons poéticos e não menos indagadores, a sua enigmática missão:

As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, por seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, portanto, levavam-no realmente ao objetivo. Mas, tendo atingido o objetivo, o que acontecia? O que era esse lugar? (2005, p. 3).

Continuemos agora, muito brevemente, a partir deste fecundo episódio.

Essa menção de Blanchot nos leva à *Odisseia* de Homero, mais precisamente aos acontecimentos envolvendo tais seres mitológicos, com destaque para a sedutora melodia emanada, de forma magistral, de suas misteriosas cordas vocais; essa parte se encontra no canto XII, e o que nele ocorre é algo fascinante e amedrontador: o herói sabe que poderá ser arrebatado por esse inelutável som, então, em certo momento, pede aos próprios marujos que o amarrem no mastro de seu navio, com os ouvidos obliterados com cera, para que não entregue a vida às graças audíveis das Sereias.

Ora bem: os leitores mais dedicados se recordam desse episódio como algo que, imaginariamente, sempre envolveria riscos, como se do mesmo modo estivéssemos prestes a sucumbir perante a beleza e o mistério desse canto, que se repete e se confirma, segundo Blanchot, como uma das mais perfeitas alegorias da própria ideia de literatura, com sua força e fascínio sobrevivendo, ao longo das eras, através do artifício encantatório de sua repetição:

Havia algo de maravilhoso naquele canto real, canto comum, secreto, canto simples e cotidiano, que os fazia reconhecer de repente, cantado irrealmente por potências estranhas e, por assim dizer, imaginárias, o canto do abismo que, uma vez ouvido, abria em cada fala uma voragem e convidava fortemente a nela desaparecer (idem, p. 4).

Ligados a isso, podemos agora retomar algumas considerações acerca do romance de Joana Bértholo, *Ecologia*. De início, podemos afirmar que o livro confirma um tendência cosmopolita adotada pelos novíssimos, com seus olhares voltados para um Portugal além da fronteira. Encontramos nessa rizomática¹² plêiade a constatação de uma postura universalizante, mais ligada ao global, comportamento criativo esse que os leva a um sentido, digamos, oposto às predominantes tendências localistas do passado. Nessa feita, nota-se nos escritores e escritoras dessa geração uma vontade maior de esgarçar certos ditames, como a própria ideia de se pensar exclusivamente na própria história.

Um adendo: não pretendemos afirmar de todo que a novíssima geração deixaria de lado, em seus meandros criativos, a necessária crítica à herança nefasta do colonialismo¹³, perpetrado por Portugal ao longo dos séculos. Percebe-se em inúmeras dessas outras vozes uma condição de acerto de contas em relação a tudo isso. O tema, na verdade, é um flagelo, a incidir, feito um incontornável estigma, suas escritas; todavia, ressalta-se que também demonstram o interesse em falar de outros eventos, ampliando suas visões acerca das coisas do mundo. É bem isso que Joana Bértholo constrói em seu romance, cujo título pode oferecer aos leitores apressados uma estranha ideia a princípio, levados que somos a refletir sobre elementos que, ao que tudo indica, tratarão majoritariamente de questões relacionadas ao ambientalismo. Porém, percebemos de imediato a amplitude de conceitos que se avizinha:

¹² Ideia defendida pela professora doutora Gabriela Silva (FURG), em sua palestra proferida nesta própria ABRAPLIP, no dia 26 de setembro de 2023, cujo título foi Por uma poética da novíssima ficção portuguesa. Em tempo: a expressão **rizomático** contempla uma raiz que origina múltiplos ramos, todavia sem respeitar uma subordinação, uma hierarquia estrita; por meio desse conceito, originalmente pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), chega-se a um processo de intercâmbio dessa multiplicidade por ela mesma, com ela própria se auto fortalecendo.

¹³ Sobre a renitente e urgente temática, vale aqui a rascante citação de Aimé Césaire, que de certo modo nos faz pensar no quanto toda e qualquer reflexão, por parte dos portugueses novos e antigos, torna-se algo premente: “[...] a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal” (2020, p. 23).

Reunião na sede da CCM – Cirroccumulus Inc., em São Francisco: um espaço amplo, iluminado pelo demorado Verão californiano. Um escritório onde é difícil discernir uma hierarquia ou distinguir funcionários de patrões. Variações sobre o tema: calções largos – mesmo acima ou mesmo abaixo do joelho – uma *t-shirt* e uma camisa, Sandálias ou calçado desportivo de cores *muito* garridas. Roupa de fins de tarde despreocupados. As camisas desabotoadas e desbragadas. Um dos diretores-executivos está de chinelos de enfiar o dedo. Ainda traz ao pescoço pequenos remoinhos desenhados pelo sal que sobreviveu ao duche rápido que tomou depois do *surf* da manhã, uma horinha no mar antes de vir para o trabalho.

Tudo está pensado para comunicar espontaneidade e ligeireza. Tudo está feito de maneira a que sintamos ao entrar: “Eis um lugar onde até dá gosto vir trabalhar!”, ou “Aqui, trabalhar deve ser *divertido!*” – um logro. Construído (Bértholo, 2022, p. 22)..

Como se percebe, o tom do romance ganha força se adensando numa mescla entre criticidade; um certo teor de denúncia das mazelas contemporâneas; e uma salutar jocosidade, ao se aproximar de uma fina e recorrente ironia, com atenção para a verossimilhança dos fatos narrados. Aliás, a fragmentária e prolífica construção dessa narrativa nos leva a um mergulho caleidoscópico por passagens que funcionam como um raio-x de nossa época, mais surpreendente que a própria ficção.

Aliás, esse discurso ininterrupto, ricamente contemplado por signos dos mais diversos, eleva *Ecologia* a um patamar criativo interessante, digno de ser evidenciado.

[...] anatomia de um grito

O título deste subcapítulo foi, sem parcimônia, **tomado emprestado** do romance por conter muito da exasperação que, por vezes, sentimos ao acompanhar seus personagens. Na parte em questão, o que se tem no livro é a narração do personagem Tápio, fotógrafo especializado em guerras, que nesse seu dever de ofício se dedica a captar as mais fidedignas imagens possíveis, gerando nele uma crise de consciência, com toda a violência registrada por suas lentes lhe corroendo por dentro. A constatação de que a vida é algo precioso e, ao mesmo tempo, perene, faz com que suas reflexões acerca do mundo infoacelerado de agora (ficção e realidade se tocando) siga minando a relativa estabilidade emocional que sempre lhe caracterizou:

Vê rostos para não ver números, vê pessoas para não se deixar frustrar pela inoperabilidade de certos conceitos. Não vê <<paz>>, por exemplo, nem tão-

pouco vê <<guerra>>; não vê <<justiça>> nem vê <<ambição>>. Não vê <<humanidade>>, mas é isso que a sua lente mais procura. Vê rostos. Vê o rosto daquela adolescente, e vê o rosto da mulher que ainda ama. <<De hoje não passa>>, pensa. Lá fora está severo. Descarregam cartuchos de silêncios, premonitórios do ribombar que se segue. Cá dentro também. <<Assim que acordar tenho de encontrar forma de lhe ligar.>> Mas Tápío não vai acordar. Porque não vai chegar a adormecer (Idem, p. 132-133).

Eis uma parte do todo, pois somos apresentados e passamos a acompanhar, ao longo dessa prolífica narrativa, inúmeros personagens – a poderosa Darla Walsh e sua subordinada Ana, a mulher-eco, dois lados de um sistema financeiro destruidor de alteridades; Lucía e sua filha Candela, a menina que descobre a beleza e o poder da linguagem; Tápío e Carolina, casal que reverbera os dilemas de um amor incondicional, que o moralismo insiste em apregoar – que seguirão compondo um grande e fragmentado quadro, em que cada parte firmará um sentido muito próximo do grito mesmo, de exasperação perante um caos que o leitor passa a compreender como algo inevitável.

Podemos ampliar, então, a nossa investida intersemiótica, ao levar em consideração a capa da edição brasileira do romance (lançado por aqui em 2022, que em nosso entendimento ficou mais em consonância com a proposta da autora do que a capa portuguesa de 2018); vê-se inúmeros rostos numa multidão, com bocas silenciadas por códigos de barras, o que nos leva a uma instigadora problematização: pensamos no cerceamento da palavra; numa até então impensável proibição da linguagem.

Nesse sentido, podemos considerar que a **ecologia** do título possui uma relação direta com outra coisa – a lógica dos ecos –, sendo esse **eco** aquilo que retornaria a nós¹⁴, cobrando alguma coisa. A sensação que nos vem, portanto, é a da provocação, algo central no romance: será que teríamos a real noção de nossos atos egoístas para com o planeta, por exemplo, a partir do exagerado consumo que nos caracteriza?

Partindo desse pressuposto, uma questão crucial no livro é a ideia de antropoceno, que escancara justamente a nossa inaptidão para lidar com a casa que habitamos, ou seja, no quanto essa natureza (que pensamos ser exclusivamente nossa), agora nos cobraría¹⁵, com juro e correção, todo o exagero exploratório que cometemos.

¹⁴ Respostas possíveis nos levariam à constatação do nosso egoísmo. Estamos cada vez mais voltados para o isolamento, inclusive, algo que a pandemia da Covid-19 intensificou através do boom das intervenções digitais impostas a nós; curiosamente, para muitos, ao invés de se ter o sentimento da conexão, a sensação maior foi a solidão. Diante da tela do computador nos vimos mais sozinhos.

¹⁵ Ora, 2030 é amanhã (Mandalosso, *in*: Secches (org.), 2022, p. 20).

O romance de Joana Bértholo toca nessas questões de uma forma bem abrangente, porque os temas nele mencionados acabam circunscrevendo outros, com o seu leque se ampliando cada vez mais.

Dentro dessas perspectivas, poderíamos pensar também numa questão que a própria autora menciona numa entrevista no Youtube¹⁶, não considerando seu livro uma distopia. Segundo a professora Marilena Chauí, uma distopia, conceitualmente numa condição de intenso desdobramento da própria ideia de utopia – indo do sonho ao pesadelo, como ela própria sinaliza (2016, p. 44) – aproximar-se-ia de um paradigma totalitário que a ficção contemporânea, por vezes, faz questão de potencializar, inevitavelmente estabelecendo interlocuções com a nossa realidade.

Todavia, Joana Bértholo, ao recusar a classificação distópica, não deixa de inscrever sua história dentro de uma proximidade com o real, o que nos deixa, de certo modo, atormentados com o imediato futuro que nos aguarda. Inegavelmente, pensamos no escritor Ray Bradbury e no seu celebrado romance *Fahrenheit 451* (1953), em que numa sociedade totalitária os livros eram considerados objetos nocivos à sociedade e, por isso mesmo, acabavam incinerados; uma vez mais ocorre um cerceamento do imaginário, algo que, hoje em dia, numa escala um pouco diferente, não tão perceptível (mas, ainda assim, bastante séria), realizar-se-ia: estamos a falar do uso inconsequente e massivo das Redes Sociais, a proliferação das *Fake News*, e o inadvertido uso das Inteligências Artificiais, por exemplo...

Ela usa muito as redes sociais. Quase não sai com amigos. Está comigo, mas sempre a conversar com alguém que não está ali. [...] sei que invariavelmente vamos falar da forma como os robôs ou os computadores se vão tornar mais inteligentes do que nós e dominar-nos. Não falha nunca (Bértholo, 2022, p. 146).

Agora uma questão: de que maneira as provocações de Joana Bértholo funcionariam como uma espécie de insubmissão a isso tudo?

Numa passagem específica de *A ordem do discurso*, Michel Foucault nos leva a ponderar a própria figura do escritor como um articulador discursivo igualmente controlador (1996, p. 36), pois o seu texto, ao mesmo tempo, seguiria regras e imporia outras¹⁷. Nesse ínterim é que devemos reconsiderar todo e qualquer discurso

¹⁶ Mencionada em nossas referências.

¹⁷ Em meio a essas diferentes materialidades e seus entrelaçamentos, questões levantadas por Foucault em relação ao poder que emana da linguagem (para o bem e para o mal), somos levados a refletir até mesmo sobre o próprio discurso romanesco, que participaria desse intrincado processo com a autoridade não deixando de se imbricar à noção de autoridade; Joana Bértholo, desse modo, acabaria por nos levar a percorrer um tortuoso caminho reflexivo – o da crítica mordaz por sobre seu próprio discurso, por que não? –, acirradamente convergindo para um louvor à liberdade.

a partir de sua associação com outros¹⁸, a circular em vida afora; um criador original, por essa premissa, não existe, pois devemos reconhecer que um texto é sempre (re) construído a partir de um número infinito de possibilidades, sejam elas históricas, sociais, culturais, idiossincráticas, etc.

No caso da literatura, considerar o texto em vez do autor é por vezes um caminho muito benéfico, permitindo-nos compreender que o significado de uma obra é cerzida através dessas inúmeras interações, que podemos simplificar no trinômio escritor-leitor-contexto. Essa abordagem valoriza a vertente da multiplicidade defendida por Calvino, reconhecendo a complexidade de toda e qualquer produção, correlacionada à sua interpretação. Nesse quesito, o romance de Joana Bértholo se ergueria, sem exageros, como uma espécie de arauto.

[...] a boca como portal

Dentro dessa vertente, a escritora promoveria uma espécie de carta ao mundo, realizando uma leitura cosmopolita de seu tempo, primando por uma diversidade na observação do cotidiano. Ocorre em sua escrita uma espécie de exacerbação da modernidade, com seus capítulos contendo inúmeros indícios daquilo que Italo Calvino previu com maestria, ao vislumbrar alguns dos desdobramentos da literatura de agora, algo que refletiria e, sobremaneira, refrataria (citamos uma vez mais Volochinov) com decisiva fidelidade as desigualdades humanas.

Assim, interligados na repetição, por vezes imagéticas (e isso não deixa de ser provocador), Bértholo carrega para dentro desta sua obra alguns expedientes que insistem em permanecer, muitas vezes, para além da literatura. Divergente a isso, o uso incessante de símbolos e alegorias no livro parece querer mesmo inovar, burlando os paradigmas convencionais da narrativa; ressalta-se: isso demonstra o quanto a literatura portuguesa dos novíssimos está aberta ao fora:

Essa desnacionalização que acontece na literatura contemporânea portuguesa, deixando de lado um romance autenticamente centrado sobre os temas nacionais e que demarcavam uma cultura e uma literatura voltada sobre si mesma oferece ao homem português, esse novo sujeito que se abre ao mundo e se torna cosmopolita, uma nova configuração ideológica. O afastamento dessa história de um passado, quer distante, quer próximo e a expansão do horizonte dessa literatura demonstram esse sujeito que agora se dispõe a expandir-se identitariamente, percebendo também questões de alteridade e afastando-se do que as fronteiras territoriais e culturais impõem às sociedades e que de maneira singular se manifesta nas suas produções artísticas (SILVA, 2016, p. 8).

¹⁸ Tal premissa é por demais bakhtiniana, vale destacar. Sobre o tema, ler, dentre outras indicações, o livro *Teoria do romance I: a estilística*, citado em nossas referências.

A partir dessa perspectiva, nos deparamos com personagens ao mesmo tempo inusitados e relevantes, demarcando em suas ações uma das questões primordiais da narrativa: o fato de a linguagem ser cobrada por uma inescrupulosa multinacional, estabelecendo com isso a noção de que estaríamos, tal como o romance de Bradbury caracterizou, cerceados em nossa liberdade maior, naquilo que mais fortemente nos caracterizaria como seres humanos.

De fato, a crise maior do livro de Bértholo perpassa o escopo da linguagem. A todo tempo e em todo lugar, outrora soberana, cederia agora lugar a um regime de contenção, com palavras e expressões sendo cobradas, registradas como débitos numa fatura inexplicável. Emulando uma quase realidade nossa, em que a comunicação já sofre um considerável abalo, por conta da paulatina pobreza vocabular que nos rodeia, o que dizer dessa tentativa de silenciamento coletivo no romance? A linguagem humana, outrora livre, passaria a fomentar ainda mais esse colapso, advindo de uma ignorância cognitiva há tempos disseminada. Por seu turno, Franco Berardi explica:

Como podemos pensar em um processo de criação de subjetividades quando a precarização está colocando em risco a solidariedade social e quando o corpo social está conectado a automatismos tecnolinguísticos que reduzem suas reações à repetição de padrões comportamentais já incorporados? (2020, p. 17).

Numa contraposição a isso, em passagens inspiradas, deparamo-nos em *Ecologia* com representações das mais inusitadas, como *QR codes*, por exemplo, que levam o leitor a descobrir citações filosóficas a explicitar a ideia primordial daquele capítulo; tomamos contato também com a reprodução *ipsis litteris* uma linguagem computacional, a nos remeter à noção de **erro do sistema**, ou algo que emularia, de modo mais próximo até, com o nosso momento presente, no que tange à excelência insensível das IA's – que tornariam a experiência criativa algo cada vez mais automatizada; em outro momento, temos diante dos olhos a belíssima reprodução por fotos do poema Galáxias, de Haroldo de Campos, através de uma mais que apropriada linguagem de sinais, a representar uma forma de resistência para aqueles que se recusavam a pagar por palavras em seu dia-dia...

Através desses e outros criativos expedientes, a resiliência continua a seguir até o final de *Ecologia*, evidenciando-se como a maior riqueza do romance:

eu sou protagonista de todos os livros que já leste e dos que não leste. Sou personagem em todos os filmes, todas as histórias de amor. Todas as peças de teatro e todos os clássicos alguma vez escritos ou narrados são fragmentos da minha biografia. Os irmãos Karamazov? Os irmãos Karamazov sou eu.

O teu corpo é feito de reentrâncias que eu preencho.

O teu pensamento é feito de planícies informes que eu organizo.

Eu? Eu sou a explicação por alcançar.

[...]

As palavras... As palavras até podem bem ser tuas, coisa-humana, mas sou eu a forma como a tua casa respira. A tua casa, este planeta. Eu, a linguagem (Bértholo, 2022, p. 485-492).

Considerações finais

Ao citar nas epígrafes da introdução e desta conclusão dois poetas renomados, que fizeram de suas experiências criativas uma ode à palavra, insistimos em acreditar na dinâmica transformadora da literatura, na possibilidade de sua afetuosa e acolhedora resiliência, sobretudo. Nesse parâmetro com o lema da Abraplip 2023, temos a certeza de que os desafios que nos aguardam serão inúmeros, inclusive porque o futuro não será nunca a quimera que esperávamos. Entretanto, no que depender de nossos esforços, a capacidade inerente aos homens e mulheres de imaginar um horizonte melhor, prospectando-o por meio de palavras, sejam elas ficcionais ou não, permanecerá garantida por um bom tempo ainda.

Assim, no romance *Ecologia*, o que vemos, sem sombra de dúvida, é uma história de sobrevivência e humanidade, ambas perpassadas pelo múltiplice e ativo poder da linguagem, que na literatura encontra o seu maior (e ainda surpreendente) logro, especialmente na visão de Roland Barthes (1978). Em sua aura dialógica, cada história se enlaçaria a infindáveis trocas, e nisso reside justamente a liberdade e autenticidade da poesia. Voltemos a ela, pois aqui representaria uma espécie de verdade não deturpada. Uma verdade heideggeriana, por sinal, que advém dos escombros e, por isso mesmo, insiste em prevalecer.

Qualquer coisa que signifique, então. Essa prerrogativa, que serve de título a este trabalho (tendo sido retirada das páginas de Joana Bértholo), sintetiza o desejo que todo poema alimenta em seu âmagô - o de habitar a reflexão do leitor. O significado é aquilo que lhe daria um sentido primordial. Na base desse desejo todo, encontramos o respeito pelo leitor e a certeza de que o texto literário em questão, de matriz lusitana, sempre terá a sua aceitação, em qualquer época, garantida por incontáveis motivos, um deles, segundo Maria Ritzel Remédios¹⁹, pautando-se pela imprevisibilidade, ao se constituir numa:

¹⁹ A renomada professora articula em seu estudo um agregador comentário acerca do romance neorrealista *Gaibéis* (1945), de Alves Redol; todavia, suas palavras parecem ecoar até o nosso *Ecologia*.

[...] constante que separa o projeto do narrador da narrativa, possibilitando o novo e o inusitado e mostrando que esse narrador, trabalhando ativamente, no interior da narrativa, liga todos os planos, reflete sobre a atuação dos heróis e volta-se sobre a linguagem (1986, p. 228).

Em total sintonia com uma crítica mordaz a um sistema a essa altura incontornável, *Ecologia* expõe as feridas de uma sociedade regida pelo dinheiro, que muito pouco se preocupa com a liberdade e a autonomia dos seres humanos que herdarão este Planeta em frangalhos. O fato de nossa cognição sofrer esse decréscimo coletivo nos mostra o tamanho do nosso erro, em achar que o auspicioso e vencedor futuro da humanidade estava garantido. A não-distopia de Joana Bértholo nos revela justamente o contrário. E o gosto amargo destes possíveis fracassos nos oferece uma dimensão que passa longe da felicidade; no entanto, como Álvaro de Campos, ficaríamos, por agora, mais lúcidos.

RAMOS, A. *Anything that means: the protagonism of language in the novel Ecologia, by Joana Bértholo*. Itinerários, Araraquara, n. 59, v. 2, p. 249-267, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *this work proposes a reading of the novel Ecologia, by Joana Bértholo, exploring the creative use of the most diverse intersemiotic experiments – QR codes, emojis, works of art, photographs, computer operational simulations, etc. –, which in the narrative instance in question seem to want to give language a tone of substantial protagonism, with a view to building a reflective dystopia. To this end, we will discuss these and other themes in the light of Byung-Chul Han (2015), Giovana Madalosso (2022), Italo Calvino (1990) and Michel Foucault (1996), examining the visionary character of this young author, who problematized in her book, among other topics, the advancement of a nasty anti-democratic atmosphere today, as well as the danger of the “anthropocene”, a concept metaphorized in the plot through the “logic of echoes”, highlighting a growing and hegemonic power of megacorporations, with their destructive impacts generated/amplified by social media and Fake News, for example. Against the current of all this, literature would still resist as one of the last territories in which cognition and freedom would be productively protected.*

■ **KEYWORDS:** *Joana Bértholo. Contemporary Portuguese novel. Generation of the newest. Intersemiotics. Anthropocene.*

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I:** a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2015.

- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- BERARDI, Franco. **Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- BÉRTHOLO, Joana. **Ecologia**. Porto Alegre; São Paulo: Dublinense, 2022.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Trad. Cid Knípel. São Paulo: Editora Biblioteca Azul, 2013.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Cláudio Willer. Ilustrações Marcelo D'Saete. Cronologia Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.
- CHAUÍ, Marilena. Notas sobre Utopia. In: SOUSA, C. M. (org.). **Um convite à utopia** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>. Acesso em 20 agosto 2024.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)**, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Meneses de (org.). **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Editora Gráfica UFG, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MERIJE, Vagner. Aquarela Brasileira Multimédia. **Vamos Conversar – Literatura, Ecologia e Fim do Mundo: Uma conversa com Joana Bértholo**. YouTube, 15 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSgdJeMPlhQ>. Acesso em: 20 agosto 2024.
- OLIVEIRA, Carlos de. **Trabalho poético**. Lisboa: Assírio & Alvin, 2003.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética em um único volume**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **O romance português contemporâneo**. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.

*Qualquer coisa que signifique: o protagonismo da linguagem
no romance *Ecología*, de Joana Bértholo*

SECCHES, Fabiane (Org.). **Depois do fim**: conversas sobre literatura e antropoceno. São Paulo: Ed. Instante, 2022.

SILVA, Gabriela. A novíssima literatura portuguesa: novas identidades de escrita. **Revista Desassossego**, v. 16, p. 06-21, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/download/122430/125551>. Acesso em: 20 agosto 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Ed. 34, 2021.

